

# A linguagem literária e a pluralidade cultural: contribuições para uma reflexão étnico-racial na escola

8

Eliane Santana Dias Debus\*  
Margarida Cristina Vasques\*\*

**Resumo:** Este texto, bem como as pesquisas que realizamos, tem como meta dar visibilidade às leituras literárias destinadas ao público infantil e juvenil, que enfatizem o tema étnico-racial, ou ainda, títulos que incluam a real participação de personagens negras, costumes afro-brasileiros e informações culturais produtoras de identificação entre o leitor e a narrativa, contribuindo, assim, com as mudanças atuais na história da educação brasileira. Neste texto, apresentamos seis títulos da Editora SM, que, em seu catálogo editorial para 2008/2009, dos 173 títulos publicados, 20 títulos trazem a presença da cultura africana e afro-brasileira. Dos 20, optou-se pela análise de cinco títulos. Da análise desses títulos, constatou-se, acima de tudo, que um dos caminhos para o entendimento e a consciência acerca da pluralidade cultural está também na apropriação da leitura literária produtora de identidade e inclusão social.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Cultura africana. Cultura afro-brasileira. Étnico-racial.

**Abstract:** This text, as well as research we have conducted, aims to promote literary readings meant for children and youngsters which focus on racial and ethnic issues, or titles which effectively include black characters, Afro-Brazilian customs and cultural information leading the reader to identify with the narrative and, consequently, helping promote changes in the current Brazilian education history. To pursue these goals, we present six titles published by *Editora SM*, whose 2008/2009 catalog contains 20 titles (out of 173) incorporating elements of the African and Afro-Brazilian culture. From the 20 titles, we selected five to be analyzed. The main finding is that one way of gaining understanding and awareness of cultural plurality is also by incorporating literary readings which promote identity and social inclusion.

**Keywords:** Children's literature. African culture. Culture afro-brazilian. Racial and ethnic issues.

\* Doutora e Professora no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Unisul. E-mail: eliane.debus@unisul.br

\*\* Acadêmica no curso de Pedagogia da Unisul, Tubarão. Pesquisadora Pibic/CNPq/2008.

## Introdução

A temática sobre a cultura africana e afro-brasileira na literatura infantil tem sido um dos nossos objetos de pesquisa e estudo reunidos no projeto: “A cultura africana e afro-brasileira na literatura de recepção infantil e juvenil: um diálogo singular em pluralidades”,<sup>1</sup> com o apoio da bolsa Pibic/CNPq. Esta pesquisa se justifica pela necessidade de viabilizar a inserção da temática no Ensino Fundamental e no Médio, como demanda a Lei 10.639/03, que institui a inclusão da cultura e da história africanas e afro-brasileiras nesses níveis de ensino e, mais recentemente, a Lei 11.645/08, que incluiu a obrigatoriedade, também, da história e das culturas indígenas brasileiras. Logo, compreendemos que a investigação sobre temas que apontem à história e à cultura afro-brasileiras e africanas é de grande relevância para toda a sociedade brasileira, uma vez que essa é uma questão política e social que deve fazer parte do processo educativo, trabalhando a favor da formação democrática de cidadãos atuantes no centro de uma sociedade multicultural e pluriétnica.

Vinculado a esse contexto, está o Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) CP 3/04, que incentiva a publicação de livros e de materiais didáticos, levando em conta as diferentes modalidades de ensino, para que esses

abordem a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial da nação brasileira, corrijam distorções e equívocos em obras já publicadas sobre a história, a cultura, a identidade dos afro-descendentes, sob o incentivo e [a]supervisão dos programas de difusão de livros educacionais do MEC – Programa Nacional do Livro Didático e Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE). (CNE/CP apud SOUSA, 2005, p. 202).

---

<sup>1</sup> A pesquisa sobre essa temática teve início em 2006 com o desenvolvimento do Projeto “A representação do negro na literatura brasileira para crianças e jovens: negação ou construção de uma identidade?” (DEBUS; PUIP, 2006), que analisou sete catálogos editoriais referentes a 2005/2006 e constatou uma recorrência aos contos africanos por escritores brasileiros que culminou com o projeto “As histórias de lá para leitores daqui: os (re)contos africanos para crianças pelas mãos de escritores brasileiros” (DEBUS; PUIP, 2007), tendo como foco de análise os títulos de literatura infantil de Rogério Andrade Barbosa, Joel Rufino dos Santos e Júlio Emílio Braz, autores que (re)contam narrativas da literatura oral africana e das literaturas afro-brasileiras, analisando a importância dessas narrativas para a construção de uma identidade étnica. Em 2008, o trabalho tem continuidade com a bolsa Pibic, com o apoio do CNPq.

Logo, a pesquisa que realizamos tem como meta dar visibilidade às leituras literárias destinadas aos públicos infantil e jovem e que enfatizem o tema étnico-racial, ou ainda, títulos que incluam a real participação de personagens negras, costumes afro-brasileiros e informações culturais produtoras de identificação entre o leitor e a narrativa, contribuindo, assim, com as mudanças atuais na história da educação brasileira.

Como método investigativo, mapeamos dez casas editoriais (Ática, Companhia das Letrinhas, DCL, FTD, Paulinas, Salamandra, Scipione, Mazza, Pallas e SM), tendo como referência os catálogos comerciais para 2008/2009. Num primeiro momento, o trabalho está delimitado a identificar o material bibliográfico-alvo para, então, elaborar uma posterior análise textual.

Múltiplos são os gêneros dos títulos levantados, que abarcam contos populares, perpetuados pela oralidade de caráter mitológico, a lendas, bem como poemas e narrativas do cotidiano. Neste texto, apresentamos alguns títulos da Editora SM, pois nos chamou a atenção que, em seu catálogo 2008/2009, dos 173 títulos publicados, 20 títulos trazem a presença da cultura africana e afro-brasileira. São eles: *A cabra mágica*, de Meshack Asare, com ilustrações do autor; *A travessia dos elefantes*, de Alejandro Sandoval, com ilustrações de Beá Meira; *Caminhos de Exu, Yemanjá e Eleguá*, de Carolina Cunha, com ilustrações da autora; *A lenda de Taita Osongo*, de Joel Franz Roselli, com ilustrações de Fernando Vilela; *Mzungu*, de Meja Mwangi, com ilustrações de capa de Rodrigo Rosa; *A fazenda distante*, de Pierre-Marie Beaudé; *Minha família é colorida*, de Georgina Martins, com ilustrações de Maria Eugênia; *As panquecas da mama*, de Mary e Rich Chamberlin, com ilustrações de Julia Cairns; *Um safári na Tanzânia*, de Laurie Krebs, com ilustrações de Julia Cairns; *O chamado de Sosu*, de Meshack Asare, com ilustrações do próprio autor; *Histórias de Ananse*, de Adwoa Badoe, ilustrado por Baba Wagué Diakité; *Cadê você, Jamela?* e *O que tem na panela, Jamela?*, com títulos e ilustrações de Niki Daly; *ABC do continente africano*, de Rogério Andrade Barbosa, ilustrado por Luciana Justiniani Hees; *Os chifres da hiena e outras histórias da África Ocidental*, de Mamadou Diallo, com ilustrações de Yali Rojas; *Oxente!: a mulher enterrada viva*, ilustrado por Carolina Cunha e *Creindeuspai!: a procissão dos mortos-vivos*, ilustrado por Ângelo Abu, de Toni Brandão; *Volta ao mundo dos contos nas asas de um pássaro*, de Catherine Gendrin, com ilustrações de Gendrin Laurent Corvaisier.

Com referência aos autores dos livros elencados acima, podemos observar que, num montante de 19 títulos, 13 foram produzidos por autores estrangeiros, e seis de autoria de escritores brasileiros, e são desses últimos os títulos que ora nos debruçamos para análise, com exceção dos livros *Oxente!: a mulher enterrada viva* e *Creindeuspai!: a procissão dos mortos*, de Toni Brandão, por serem títulos dedicados a leitores com maior fluência de leitura.

### ***O menino colorido*, de Georgina Martins**

A escritora carioca Georgina Martins iniciou sua produção literária para o público infantil e juvenil em 1999, e seus livros revelam a importância de se viver em sociedade com valores de solidariedade e respeito ao outro. Nas propostas de sua obra, encontramos espaços para reflexão sobre a pluralidade cultural e a alteridade diante do outro, como nos títulos: *Uma maré de desejos* (Ática); *No olho da rua: historinhas quase tristes* (Ática); *O menino que brincava de ser* (DCL); *O menino que não se chamava João e a menina que não se chamava Maria* (DCL); *Com quem será que eu me pareço?* (Planeta); *Diário de um Lobisomem* (DCL); e *Minha família é colorida* (SM).

Em seu livro *Minha família é colorida*, a autora dialoga sobre o complexo universo da pluralidade étnico-racial presente nas famílias brasileiras. Através do diálogo entre a figura materna e o menino Ângelo, a história dos seus antepassados vai sendo revelada numa palheta multicolor.

Ângelo, “um menino que gosta muito de pensar nas coisas da vida”, observando sua família,” pergunta à sua mãe por que seu cabelo não “vua”, e o cabelo da avó “vua”. Ao questionamento, o menino emenda uma resposta dizendo que o pai, também de cabelo que não “vua”, passou cola no cabelo dos dois. A mãe faz-se de desentendida, apenas o corrige dizendo-lhe que “não é vua que se fala, é voa!”

Ângelo continua a indagar sobre a diferença entre seu cabelo e a cor de sua pele em relação aos outros membros da família. “– Mãe, eu sou negro?” É essa pergunta, feita pelo menino, que desencadeia toda a narrativa da mãe sobre a história genealógica da família, explicando-lhe por que ele é um menino “bem moreno”. Contextualiza a sua origem a partir do momento em que seus bisavós se conheceram (a união da

bisavó negra com o bisavô branco) até a formação atual da família com diferentes cores e modos, ou seja, uns de cabelos lisos, outros de cabelos encaracolados, uns de olhos claros, outros com olhos escuros.

O texto explora as diferentes estéticas herdadas pela união de pessoas de nações distintas e lugares distantes. A mãe conta a história de forma simples, comparando a cor da pele negra com a noite; os olhos pretinhos com duas jabuticabas; os olhos azuis com o céu; a pele branca com o copo de leite. Por fim, o menino Ângelo identifica as diferenças e particularidades suas e da família com sua caixa de lápis de cor, afinal, ambos são coloridos.

O trabalho de ilustração de Maria Eugênia dialoga com a narrativa, desenhando a fisionomia dos personagens de forma lúdica e alegre. A bisavó de Ângelo é pintada com cor preta, enquanto seus descendentes compartilham desde tons alaranjados até o branco, tornando visível, ao pequeno leitor, as diferenças físicas apontadas pelo enredo. No fim, no último parágrafo, o menino Ângelo justifica as diferenças:” – É porque a nossa família é toda colorida, e eu acho que ela é muito bonita, igualzinha à minha caixa de lápis de cor!” Logo na sequência, estão desenhados os lápis de cor marrom, laranja, verde, amarelo e vermelho.

O texto trabalha a miscigenação das diferentes etnias, porém, embora a nossa formação histórica seja caracterizada pela miscigenação étnica, racial e cultural, faz-se necessário um olhar cuidadoso e atento ao nos aproximarmos dessa questão. O contexto histórico que envolve essa característica nacional origina-se da dominação e da exploração do trabalho escravo. A ideia de nação mestiça, no Brasil, é resultado de um processo colonizador violento, e não apenas da relação amistosa entre as raças. Como destaca Gomes (2005), a partir da reflexão sobre *Casa-grande e senzala*, de Freyre,

não há como admitir que uma sociedade em que as relações entre diferentes grupos étnico-raciais foram construídas/pautadas no trabalho escravo, na dominação e na exploração possa se sentir orgulhosa da forma como, historicamente, se deu o seu processo de mestiçagem. (Apud GOMES, 2005, p. 59).

Assim, a narrativa, por meio de uma visão ingênua e romântica, pode remeter o leitor (mesmo o pequeno leitor), a um falso conhecimento acerca da historicidade sobre o processo de mestiçagem no nosso país.

No início do texto, o menino Ângelo pergunta à mãe se era negro, mas, embora a ilustradora Maria Eugênia o tenha desenhado com traços africanos, a mãe faz uso da expressão “bem moreno” no contexto da resposta. O uso de tal termo, característica de um vocábulo permeado pelo preconceito, traz, mesmo que de forma ingênua, marcas de discriminação, pois, ao denominar o personagem dessa forma, compactua-se com o imaginário coletivo de que essa palavra seria socialmente mais aceitável, caracterizando o que Sousa (2005, p. 109) denomina “pacto de convivência”.

### O continente africano pelas mãos de Rogério Andrade Barbosa

Rogério Andrade Barbosa é professor, escritor e contador de histórias. Sua trajetória na literatura infanto-juvenil está umbilicalmente vinculada aos recontos africanos quando publica, na década de 80, pela Editora Melhoramentos, *Bichos da África: lendas e fábulas*, uma coleção de quatro livros, totalizando 11 narrativas, com o objetivo de dar visibilidade à literatura oral africana e, de lá para cá, muitos outros títulos e temáticas surgiram, sem, no entanto, abandonar o tema das culturas africana e afro-brasileira.

Diferentemente dos seus livros anteriores, em *ABC do continente africano*, ele não bebe na tradição oral africana, mas desvela, com a mesma força, ao leitor, através das letras do alfabeto (AZ), as singularidades de um continente plural: de AZ o autor apresenta a diversidade da flora e da fauna, os instrumentos musicais, a tradição das histórias contadas ao redor da fogueira pelo Griô, o “mestre errante da palavra”.

Se o escritor consegue enredar o leitor nos procedimentos de criação do texto, a Editora SM consegue enredar o público consumidor na feição material, através das estratégias: o tipo de papel, a ilustração com a nomeação da técnica (colorização digital) utilizada pela ilustradora Luciana Justiniani Hees e, sem dúvida, pela inédita coleção do ABC. Além de trazer o continente africano, a SM apresenta o *ABC do mundo árabe*, de Paulo Daniel Farah e o *ABC do mundo judaico*, de Moacyr Scliar. Isso, porém, já é outra história! Como um baobá resistente e perene, o diálogo estético-literário do escritor com o leitor fixa raízes e penetra no chão da memória e nos faz desejosos de querer mais.

O trabalho de ilustração de Luciana Justiniani Hees é empolgante. Nascida no Rio de Janeiro, viveu nas regiões Nordeste e Norte do País e,

atualmente, mora em Moçambique (país da parte Sul da África). Por meio de seu trabalho gráfico multifacetado, a ilustradora possibilita um melhor entendimento sobre o texto, além de ampliar o contexto da narrativa. A ilustração consagra o livro, contrapondo a palavra a um outro universo – o do desenho, ou seja, o livro é também construído através de imagens que expressam o sentido narrativo. Luciana Justiniani Hees dá cor ao *ABC do continente africano* e propõe, entre desenhos alegres, tristes, misteriosos e permeados de detalhes, exercer influência sobre o que se lê.

A simplicidade do texto está em sintonia com o desenho. Exemplo disso encontramos quando, ao falar sobre o Zaire, o autor descreve o “rio imenso que corta, como uma artéria, o coração da África”(p. 47), e a ilustração, por sua vez, reconstrói as mulheres lavando roupa, os meninos nadando e a atividade da pesca, utilizando-se de técnicas gráficas de *designer* e de ilustradora, marcas dessa artista. Segundo informação de contracapa, para ilustrar o livro, Luciana Justiniani Hees se inspirou na capulana, “nome moçambicano do tecido tradicionalmente usado pelas mulheres africanas”. A riqueza de cores e motivos desses panos caracteriza a riqueza cultural daquele país.

### Os saberes africanos na escrita e ilustração de Carolina Cunha

Na coleção *Okú Láí Láí* encontramos os títulos *Yemanjá* e *Eleguá*, escritos e ilustrados por Carolina Cunha, que apresenta, nesses livros, um trabalho rico em pesquisas e saberes africanos. Como pesquisadora de línguas e artes africanas, Carolina Cunha retoma a procedência *yorubá*<sup>2</sup> e reconta os mistérios de personagens mitológicos africanos, narrados de forma a revelar importantes princípios da tradição oral africana.

Os livros analisados se destacam pelo discurso, que assume um novo contorno na forma de narrar a história. A particularidade na escrita está no diálogo com elementos linguísticos africanos que são complementados pelo desenvolvimento artístico das ilustrações. As ilustrações que compõem as narrativas impressionam pela diversidade

<sup>2</sup> Segundo maior grupo étnico da Nigéria – África ocidental.

<sup>3</sup> Eleguá é um dos títulos da divindade yorubana *Exu*, que quer dizer *dono dos caminhos e do destino*.

de cores, formas e simbologias, fazendo com que o leitor se identifique com a leitura e a criatividade dos desenhos dinâmicos e complexos.

O livro *Eleguá* conta a história do filho traquinas de Yemanjá, Eleguá,<sup>3</sup> e da partida dele para o mundo em liberdade, já que fora convidado a se retirar da presença de sua família, após grandes traquinagens. Retorna muito tempo depois, já esquecido pelo povo. Como não queria ser desprezado, provoca reboliços, que só acabam quando o povo se compromete a fazer-lhe oferendas.

Para além do contexto da narrativa, estão os saberes que transmite, ou seja, conhecemos a importância da semente de *obi* nas terras da África; a transformação de Eleguá em mensageiro oficial entre o Céu e a Terra, o Guardião do Universo, e vislumbramos um pouco da Língua Yorubá, apresentada no texto:

*Elégbára j' a bó tán. Elégbára BA nlo.*

*Elégbára j' a bó tán. Elégbára ilê.*

[Eleguá terminou de comer. Eleguá vai embora.]

[Eleguá terminou de comer. Eleguá vai para casa.]

O trabalho de pesquisa de Carolina Cunha está descrito no paratexto que acompanha a contracapa do livro *Eleguá*, contendo informações sobre o orixá e outras particularidades encontradas na elaboração desse trabalho, ampliando as formas de difusão das diferentes significações culturais.

O livro *Yemanjá* partilha das mesmas características, sendo constituído de duas narrativas: a primeira, nomeada como o próprio título do livro, descreve a vida desse orixá, mulher forte e independente, bondosa, cheia de respeito. Descreve, ainda, como, “na sua fúria”, Yemanjá foi encontrar o oceano onde lá dele ficou guardião. Em *O encantamento das favas* é narrada a história de um lavrador que vislumbrou Yemanjá apanhando as favas da plantação. A partir desse acontecido, o homem de bom coração oferecerá suas melhores favas à Yemanjá.

Já na coleção *Barco a Vapor*, com o título *Caminhos de Exu*, Carolina Cunha narra histórias divertidas sobre as andanças de Exu e seus feitos. O livro retrata, nas suas 79 páginas, as especificidades culturais

---

<sup>4</sup> Segundo a tradição do povo, Yorubá é o mensageiro entre o plano material (*Ayíê*) e o plano espiritual (*Orum*).

encontradas nos contos religiosos de matrizes africanas, através de elaborações simbólicas e estruturas de pensamento idealizadas no mensageiro Exu, considerado o primeiro orixá que veio à Terra, é muito popular na construção teológica ioruba.<sup>4</sup>

Exu caracteriza-se por seu estilo irreverente e brincalhão, além de ser provocador e astucioso. A autora, em nota explicativa, informa ao leitor:

Há várias versões desse itan (conto), e há outro sem-número de itans que exaltam os poderes de Exu. Exu é orixá muito antigo. É polêmico. Não está exclusivamente em lugar nenhum. Vive pelo mundo, em meio de caminhos, onde lugares passam por seus passos. O que se fala dele está sempre amarrado a uma ponta de mistério. Exu vive num tempo mágico. Ele próprio é mágico. Trabalha com astúcia. Joga. É um jogador. Raciocina. Exu não é bom nem ruim. É tudo misturado. Meio a meio. Ele é equilíbrio. [...] “Exu tem as qualidades de seus defeitos.” (CUNHA, 2005, p. 49).

Compõem o livro dois contos: o primeiro recebe o título *Um dia escravo outro dia adivinho*. Nessa história, Exu, com o nome de Laroïê, observa Oxum jogando búzios e falando sobre o destino das pessoas e fica fascinado por sua beleza e sabedoria. Dirige-se até a casa da orixá e declara que fará qualquer coisa para saber adivinhar a vida do ser humano. Oxum aceita ajudá-lo, mas, em troca, quer que ele seja seu escravo. Laroïê torna-se escravo e passa a fazer vários favores a Oxum. No entanto, depois de um ano, Laroïê não quer mais saber de satisfazer os caprichos de Oxum, cabendo a ela, agora, cumprir o trato e passar-lhe o conhecimento sobre os búzios.

No outro conto (*O negócio dos galos*) são apresentadas três personagens femininas: Oiá, Oxum e Iemanjá. Elas estão no mercado e lamentam a má sorte, a falta de peixe e o fato de estarem sem nenhum tostão. Exu, que agora é Akessan, ouviu o lamento das mulheres e, para resolver a desordem, lhes entrega um cesto com dez galos. Oiá, Oxum e Iemanjá passam a vender os galos recebendo muitos “cauris”. Akessan, porém, terá que mediar novamente o negócio das três mulheres, pois, ao sobrar um único galo, a discussão é grande sobre como dividi-lo entre as três. Oxum resolve o impasse, oferecendo a Akessan o galo que restou:

– Você chegou aqui mais cedo, trazendo salvação para os nossos problemas. Nós não tínhamos dinheiro; agora temos. O galo que sobrou no cesto só serviu pra criar disputa, e parece que, desse jeito, nunca haverá divisão justa. Se não se importa, Akessan, aceite esse galo de presente, em agradecimento pela oportunidade que nos deu. (CUNHA, 2005, p. 71).

O paratexto, no fim de cada história, enriquece o conhecimento sobre costumes e culturas da África, além do vocabulário apresentado nas últimas páginas, facilitando a compreensão das palavras africanas empregadas pela autora.

Podemos observar que os livros de Carolina Cunha expressam valores que incluem o auxílio, a hospitalidade, o compartilhamento, o respeito, todos encontrados em personagens religiosos, místicos e lendários que a autora reconta firmando tradições africanas. Ao leitor, visualizar esses novos horizontes sobre o que representam as religiões afro-brasileira e africana significa quebrar paradigmas idealizadores que demonizam essas histórias mitológicas africanas. Assim como o racismo, a intolerância religiosa faz parte de uma ordem cultural em que

ambos os assuntos tornam-se absolutamente correspondentes e denotam os limites que se constituíram a partir de um sentimento ruim produzido acerca da alteridade afrodescendente, um tipo de temor sobre a coletividade, a pessoa negra e suas realizações. Sentimento cujas raízes estão no imaginário sócio-racial, determinado, entre outras funções, a plasmar noções problemáticas que dizem respeito aos valores das filosofias africanas ressignificadas no Brasil. (SILVA, 2005, p. 122).

Nos títulos de Carolina Cunha, existe uma forte relação entre cultura e religião africanas como se constata no excerto antes transcrito. Para entender essa relação, é preciso esquecer as representações estéticas com as quais estamos familiarizados (ou domesticados) e nos permitir adentrar nessa ancestralidade e linhagem que tem a força da palavra empenhada através da oralidade.

## Fechando o texto

Crianças e jovens querem saber sobre o mundo e seus significados, construindo o conceito das coisas que os rodeiam e de si mesmos e podem experimentar esses saberes através da leitura literária. Encontramos, nas narrativas analisadas, ludicidade e fantasia, elementos importantes para a formação do leitor; bem como a construção de um repertório em que as diferenças culturais estão presentes.

Reconhecer a plenitude da arte, da religião e das lendas africanas e afro-brasileiras é identificar e se identificar não apenas com a cor da pele, mas com narrativas que se comprometem com a história da África. Sendo assim, a importância deste trabalho de pesquisa está na possibilidade de divulgar a literatura como ferramenta primordial para desvelar as culturas afro-brasileira e africana, pois, ao analisar cada livro, pudemos não somente adquirir saberes, mas questionar e apontar antigos valores, transpondo as barreiras do racismo brasileiro.

Para a educação, a elaboração de conhecimentos se dá na interação social entre adultos e crianças que devem buscar fazer dela um espaço no qual o saber histórico e culturalmente elaborado seja, de fato, socialmente distribuído. Através dos estudos apresentados, concluímos que a literatura infanto-juvenil amplia as referências para os desenvolvimentos emocional, cognitivo e social da criança, indo ao encontro da identidade de cada par. Alguns temas, como arte e religião, surgem de forma clara e estética e, em princípio, não há limitações quanto à aplicabilidade do material literário ao sistema de educação nacional. Constata-se, acima de tudo, que um dos caminhos para o entendimento e a consciência acerca da pluralidade cultural está, também, na apropriação da leitura literária produtora de identidade e inclusão social.

## Referências

BARBOSA, Rogério Andrade. *ABC do continente africano*. Ilustr. de Luciana Justiniani Hees. São Paulo: SM, 2007.

CUNHA, Carolina. *Caminhos de Exu*. São Paulo: SM, 2005.

\_\_\_\_\_. *Eleguá*. São Paulo: SM, 2007.

\_\_\_\_\_. *Yemanjá*. São Paulo: SM, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03*. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação; Secad, 2005.

MARTINS, Georgina. *Minha família é colorida*. Ilustr. de Maria Eugênia. São Paulo: SM, 2008.

SILVA, Nelson Fernando *Inocência da africanidade e religiosidade: uma possibilidade de abordagem sobre as sagradas matrizes africanas na escola*. Brasília: MEC/BID/Unesco, 2005.

SOUSA, Francisca Maria do Nascimento. Linguagens escolares e reprodução do preconceito. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03*. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação; Secad, 2005.